

“ESCOLA, TELEVISÃO E CULTURA: UMA PERSPECTIVA DE LETRAMENTO UTILIZANDO A MÍDIA TELEVISIVA NO CONTEXTO ESCOLAR”

Raimundo TOCANTINS¹
Ivânia NEVES²

Universidade da Amazônia – UNAMA
raimundotocantins@yahoo.com
ivanian@uol.com.br

Resumo: o presente trabalho tem o objetivo de analisar a repercussão da mídia televisiva na realidade cultural do aluno. Utilizando a Análise do Discurso como ferramenta para análise do diálogo entre as informações da mídia televisiva e a construção do conhecimento dentro do espaço escolar. Assumindo que hoje a escola não pode ser considerada a única produtora de conhecimento. Nesse cenário o professor atua como mediador, mostrando que a informação gerada pela televisão pode ser convertida em conhecimento útil no universo escolar.

Palavras-chave: televisão; escola; cultura; letramento; midiamento.

1. Letramento e Midiamento: Dois Conceitos Ou Idéias Que se Complementam?

Para o entendimento desse novo conceito apresentado aqui neste trabalho, o Midiamento, é primordial conceber que ele não desconsidera em nenhum momento o que o Letramento tem originalmente como matéria prima de estudo: o texto escrito. Nem tampouco pretende ser melhor. O Midiamento tem por papel fundamental contemplar um material discursivo presente na vida do ser contemporâneo: os textos oferecidos pela mídia.

Esses textos instauram em seus leitores aquilo que Magda Soares chama de situação discursiva, ou seja, atentar para uma situação discursiva significa entrar, mesmo que de maneira inconsciente para o universo discursivo de determinado texto.

¹ Mestrando do curso Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia – UNAMA/2011. Especialista em Metodologia da Língua Inglesa pela Faculdade Internacional de Curitiba – FACINTER. Licenciatura em Letras – habilitação em Língua Inglesa pela Universidade Federal do Pará – UFPA (2002). Bolsista da CAPES pelo projeto “Nas Fronteiras das Narrativas Oraís Tupi na Amazônia Paraense: Performatividade, História e Tradução, sob coordenação da professora Ivânia dos S. Neves.

² Orientador do trabalho. Coordenadora do Mestrado de Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia – UNAMA.

Como exemplo, Magda Soares analisa a situação discursiva inaugurada no momento em que uma pessoa toma em suas mãos um livro. A autora mostra que a leitura para inferência de significados começa antes mesmo de iniciar a decodificação da palavra escrita. Ela inicia a partir do momento em que o leitor “observou a capa, uma ilustração, certas cores, um título, um nome próprio...” (SOARES, 2004, p. 9).

Se transportarmos o processo de leitura apresentado pela autora para uma situação discursiva como um programa de televisão, veremos que ele ocorre de maneira semelhante: a capa do livro seria a abertura do programa, as ilustrações seriam as imagens, as cores, título e palavras utilizadas pelos produtores do programa nessa abertura serviriam para transportar aquele que assiste ao universo que o programa pretende abordar. Portanto, temos aí um ponto de abertura, uma brecha, que a autora nos dá como possibilidade de conceber Letramento além das possibilidades do texto escrito.

É interessante, além de poético e também imagético as várias definições de Letramento utilizadas por Magda Soares. Vejamos algumas oferecidas por Soares (2010, p. 42 e 43):

Letramento é diversão,
É leitura à luz de vela
Ou lá fora à luz do sol

São notícias sobre o presidente,
O tempo, os artistas da TV,
E mesmo Mônica e Cebolinha nos jornais de domingo.

É viajar para países desconhecidos,
Sem deixar sua cama,
É rir é chorar
com personagens, heróis e grandes amigos.

Utilizando a reflexão de Magda Soares para definir Letramento podemos levantar o seguinte questionamento: Por que não olhar para os textos oferecidos pela mídia e utilizá-los efetivamente na escola?

2. Entendendo o Papel da Tecnologia no Ambiente Escolar

Hoje, é impossível falar em crianças e adolescentes e não relacionar os processos midiáticos na vida desses dois grupos, e porque não dizer na vida de todos os grupos. Vou me deter às crianças e adolescentes no ambiente escolar, pois é esse o grupo que interessa diretamente a essa perspectiva educacional que entende a presença das novas tecnologias na escola tradicional.

Quando falamos em escola, a primeira coisa que nos vem a mente é o ambiente de sala de aula formado por alunos, professores, sala de aula, quadro magnético e, mais recentemente apresenta-se a esse cenário os novos recursos didáticos: a televisão, o DVD e o computador. Trabalhar com jovens requer considerar também que “vivemos uma época de mudanças permanentes, caracterizada pela aceleração com que se produzem as inovações tecnológicas em todas as parcelas humanas e pelo crescente uso da internet” (VALCARCE & MARCOS, 2007, p. 10).

Os jovens de hoje estabelecem um íntimo contato com as novas tecnologias, por isso é importante concebê-lo como um “receptor sujeito que vai ressignificar o que ouve, vê ou ler, apropriar-se daquilo a partir de sua cultura, para incorporar ou não às suas práticas” (BACEGA, 1998, p.10). A educação nos dias atuais tem o papel de relacionar as novas tecnologias à formação cultural do aluno.

Esses recursos estão formalmente presentes em salas chamadas “sala de informática”, “espaço multimídia”, “sala de vídeo”. Como se somente nesses ambientes o aluno tivesse contato com esse universo midiático presente no mundo em que vivemos.

Da posição de professor de língua estrangeira, é importante apresentar, mesmo que de modo sucinto, importantes momentos no processo de ensino-aprendizagem ao longo da história contemporânea dessa área.

Houve momentos em que os únicos recursos didáticos para o ensino de língua estrangeira eram o livro e um companheiro importantíssimo: o dicionário. Mais tarde foi incorporada a letra de música. Que necessitava da fita cassete e de um aparelho de áudio. Nessa época, para trazer a realidade cultural para sala de aula dependíamos de algumas revistas (que tratavam de assuntos referentes ao ensino de língua estrangeira ou apenas traziam as músicas “do momento” em suas páginas) que traziam no seu conteúdo textos sobre assuntos diversos e letras de músicas, ambos relacionados à cultura que se pretendia estudar. Com esses poucos recursos, alunos e professores estavam aprisionados, dependentes das revistas para trabalhar assuntos relacionados à cultura, que são fundamentais no ensino-aprendizagem de qualquer língua estrangeira.

A entrada do vídeo cassete nas salas de aula foi estratégica, pois a partir desse recurso foi possível trabalhar filmes de língua estrangeira, porém apesar de ser uma ferramenta valiosa, uma vez que junto com esse recurso um mercado atento à sala de aula abriu-se e ofereceu filmes em pequenos formatos, ofertando aos alunos uma realidade protagonizada na língua alvo que se pretendia estudar. Contudo, a maioria dos

filmes enfatizava assuntos referentes à gramática da língua ilustrada por atores que reproduziam pequenos diálogos. O problema nesse caso era que esses diálogos não traziam legendas na língua alvo dos estudos e criava com isso uma grande insegurança por parte de professores e alunos. Esse problema veio a ser resolvido mais tarde com o surgimento do DVD. Essa nova tecnologia trouxe em seus conteúdos filmes diversificados, com legendas em várias línguas estrangeiras. Ampliando o panorama cultural que se pretendia estudar.

Hoje, totalmente inseridos na cultura digital, os alunos podem ter contato, em alguns casos em tempo real com diversas realidades culturais mundo afora. Como ilustra Valcarce & Marcos (2007, p. 10):

Agora os seres humanos têm a possibilidade de relacionar-se a distância e, pela primeira vez na história, a mente humana (o conhecimento) é uma força produtiva direta e não somente um elemento chave no sistema de produção.

A perspectiva que se apresenta hoje no universo escolar é: considerar os recursos tecnológicos disponíveis, levando em conta a vivência cultural do aluno e, reconhecer que hoje, a escola não exerce o papel de única difusora do saber e da cultura como fazia em outros tempos. Atualmente, os jovens vivem a superexposição midiática que pode ser refletida na relação com os jovens entre eles, com suas famílias e com a própria instituição escola.

A escola de hoje deve integrar essa realidade midiática mundial a projetos pedagógicos que tenha realmente relação com a vida desses jovens, em integração com o currículo escolar. É relevante para essa proposta pedagógica considerar o diálogo de três eixos existentes no universo escolar: a mídia, o aluno inserido no contexto midiático e o profissional da educação conectado com essas duas realidades. O que a escola não pode desprezar é o poder das tecnologias da informação na contemporaneidade como nos mostra Valcarce & Marcos (2007, p. 10):

As tecnologias da informação incidem e todos os aspectos da nossa vida, desde os mais cotidianos e familiares até os mais avançados. A internet apresentou um novo mundo, fruto da convergência do desenvolvimento das redes de comunicação e da consolidação da linguagem digital como “idioma” universal entre máquinas e homens.

3. Televisão e Educação em Diálogo Dentro do Espaço Escolar: Uma Reflexão Sobre Práticas Discursivas

Reconhecer o potencial comunicativo da televisão na nossa sociedade e entendê-la como um “lugar” para construção do saber na escola é uma necessidade, pois ambos,

professores e alunos compartilham dessa experiência. Portanto, cabe a escola e aos profissionais que nela atuam mediar as informações reproduzidas por esse importante meio de comunicação. Utilizo o termo “mediar” porque ele expressa exatamente o papel do professor. O professor deve atuar exatamente entre os textos produzidos por essa mídia e o aluno, mediando essa relação, mostrando que a informação gerada pela televisão pode ser convertida em conhecimento que pode ser utilizado no universo escolar.

A realidade construída pela escola que nega o conhecimento produzido em outros lugares do saber é refletida claramente nas questões apontadas por Martín-Barbero (1994, p.51):

Eu me pergunto se nós, das escolas de comunicação, estamos nos colocando nessa questão: Porque os jovens lêem cada vez menos? Porque são muito acomodados? Porque a leitura implica em trabalho e eles não querem trabalhar? É isto? Ou há outra cultura, outra sensibilidade que desde a escola primária não foi captada? O resultado é que as crianças aprenderam a ler sem nenhum prazer, como tarefa, como ofício, não como espaço do imaginário, do prazer, da criatividade.

A reflexão proposta por Jesús Martín-Barbero, um dos mais importantes expoentes nos estudos culturais contemporâneos, foi gerada a partir de um questionamento feito por seus alunos que expressavam que poderiam fazer filmes sem roteiros, pois de acordo com o ponto de vista deles eles, na hora da produção desses filmes pensavam em imagens e não em roteiro escritos. Ainda sobre o caso, os alunos acusavam os professores de somente valorizarem sua cultura letrada. Refletindo sobre a situação levantada pelos alunos, Martín-Barbero reconhece que (1994, p.40):

Na relação educativa, nós adultos usamos a cultura letrada, desde o primário, muitas vezes no sentido de ajuste de contas, chantagista, e o máximo é quando nos damos conta de que os alunos, por muitas razões, e não por culpa da televisão lêem menos.

Esse erro por parte dos professores em não diagnosticar a cultura visual e sonora dos jovens criou dentro da própria escola dois universos paralelos: o dos professores, representantes da cultura letrada, preocupados em reconhecê-la como única fonte produtora de conhecimento; e o universo dos alunos, conectado com a cultura do audiovisual. Dois universos que não dialogam dentro do ambiente escolar. Por consequência, criam barreiras na produção de um conhecimento que possa fluir dialogando com a realidade das novas tecnologias.

Isso tudo talvez aconteça pelo fato de os professores caírem no erro de somente legitimarem a cultura letrada como única fonte de informação e, ainda “desqualificarem o gosto popular através da pecha de ausência de gosto ou mau gosto” (MARTÍN-BARBERO, 1994, p. 52).

Para a construção de uma relação com a televisão que entenda esse meio não apenas como simples instrumento utilizado de forma esporádica ilustrando assuntos referentes aos conteúdos disciplinares, mas viabilizando sua utilização como verdadeiro recurso didático-pedagógico escolar, devemos refletir sobre condições de produção e práticas discursivas existente nos textos oferecidos pela televisão, como nos esclarece Maria Furlanetto se utilizando das palavras de Bakhtin:

“As condições de produção determinam as relações discursivas materializadas nas práticas sociais – que se concretizam, linguisticamente, através de gêneros. São as relações discursivas que estabelecem o modo como os fenômenos são olhados, interpretados e julgados, tendo como pano de fundo a memória discursiva – ou seja, todo o material discursivo que circulou ou circula no meio social. Relações discursivas impõem certas formas de discurso, certos modos de organização, certos temas e certos estilos”.

A autora dá uma mostra de práticas discursivas, utilizando o que ela chama “exercício de ficção” (texto anônimo encontrado na internet), que aborda o conto de Chapeuzinho Vermelho. Despertando no leitor a capacidade de interpretar perfis ou identidades presentes no meio televisivo contemporâneos de modo caricatural, contudo eficiente. No texto de Furlanetto, o título original é Como Cada Meio De Comunicação Noticiaria Um Evento Com Chapeuzinho Vermelho (FURLANETTO, 2007, P. 134). Aqui, dado o direcionamento da abordagem que trata da inserção da mídia televisiva no ambiente escolar, apresento somente os exemplos relativos a esse meio de comunicação.

FANTÁSTICO (Glória Maria) – “... que gracinha, gente, vocês não vão acreditar, mas essa menina linda aqui foi retirada viva da barriga de um lobo, não é mesmo...?”

JORNAL NACIONAL (William Bonner) – “Boa noite. Uma menina de 7 anos foi devorada por um lobo na noite de ontem.” (Fátima Bernardes) “Mas graças a atuação de um caçador, não houve uma tragédia.”

CIDADE ALERTA (Datena) – “... Onde é que a gente vai para, cadê as autoridades? Cadê as autoridades? A menina ia para a casa da vovozinha. Não tem transporte público! Não tem transporte público! E foi devorada viva. Um lobo, um lobo safado. Põe na tela, primo!

Porque eu falo mesmo, não tenho medo de lobo, não tenho medo de lobo não.”

É interessante, nesse caso, destacar como é possível identificar e reconhecer através da encenação de cada intérprete o *ethos*, que “revela-se por meio da enunciação a personalidade do enunciador construído por cada” (MAINGUENEAU, 2008, p. 97). É possível o reconhecimento do enunciador, pois o “sentido propiciado pelo discurso impõe-se tanto pelo *ethos* como pelas idéias que transmite; essas idéias se apresentam por intermédio de uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser (MAINGUENEAU, 2008, p. 99)”.

O que é necessário realmente na educação é ajustar a cultura letrada do professor à cultura do audiovisual proposta pelas novas tecnologias do aluno, a partir desse ajuste que reflete a realidade cultural diagnosticada por Martín-Barbero será possível iniciarmos no ambiente escolar uma realidade a partir do conceito de letramento que compreende o uso das habilidades lingüísticas através de atividades que vão além da escola e considera jornais, revistas, quadrinhos, lista de compras, guias de viagem (SOARES, 2004, p. 43, 44), como práticas que podem habilitar o aluno através da “infinita diversidade de gêneros do discurso que são produzidas pela multiforme atividade humana na produção desses gêneros” (BAKHTIN, 2003, p. 262). E que deve aliar a tudo isso a cultura do aluno, as novas tecnologias e a cultura letrada do professor. Essa realidade poderá ser chamada de midiamento na educação.

REFERÊNCIAS

BACEGA, Maria Aparecida. *Recepção: nova perspectiva nos estudos de comunicação*. 1998.

BAKHTIN, Mikhail. (Voloshinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad.: M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1979.

_____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo. Martins Fontes, 2003.

FURLANETTO, Maria Marta. *Práticas Discursivas: Desafio no Ensino de Língua Portuguesa*. In CORREA, Djane Antonucci & SALEH Pascoalina Bailon de Oliveira (ORG.). *Práticas de Letramento no Ensino. Leitura, escrita e Discurso*. Editora UEPG, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. *O Ethos*. In Signorini, Inês (ORG.). Parábola, 2008.

MARCOS, José Alvarez & VALCARCE, David Parra. *Ciberperiodismo*. Editorial Síntesis, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In SOUZA, Mauro Wilton de (ORG.). *Sujeito o Lado Oculto do Receptor*. Editora Brasiliense, 1994.

SOARES, Magda. *Letramento Um Tema Em Três Gêneros*. Autêntica, 2004.